



# Cadernos da Rede

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:  
O CORPO E O MOVIMENTO CRIATIVO**

**A REDE EM REDE: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

# EDITORIAL

Este fascículo contempla temas referentes ao curso "Percurso de Aprendizagens na Educação Infantil: o Corpo e o Movimento Criativo", que faz parte da fase 6 do programa A Rede em rede: formação continuada na Educação Infantil.

Nos cursos, enfocamos conteúdos que envolvem o desenvolvimento e a aprendizagem do movimento corporal na educação infantil com o propósito de promover práticas que possibilitem às crianças um avanço da expressão da linguagem corporal. Dentre os muitos aspectos integrantes da construção deste conhecimento, foram selecionados para o presente curso os seguintes: corpo e comunicação; corpo – espaço e tempo; corpo e materiais; corpo e dança; e, dança e cultura. Nos encontros de formação levantamos concepções individuais e coletivas presentes no nosso cotidiano e verificamos como os conceitos e práticas envolvendo atividades corporais são trabalhados na Educação Infantil. Desenvolvemos estratégias para discutir, modificar e ampliar as experiências com as crianças no cotidiano por meio de vivências, reflexões, registros e devolutivas. Investimos para que o trabalho corporal recebesse a atenção condizente com sua importância e que, portanto, fosse desenvolvido por meio de seleção e estruturação de sequências de atividades com uma duração mais extensa. Na seção **Trabalho pedagógico**, apresentamos a discussão de algumas experiências vividas em nossa Rede que ilustram como é possível orientar uma atividade com as crianças apresentando situações que possibilitam a ampliação do

vocabulário de movimento, na medida em que, brincando com o corpo, criam a dança, ao mesmo tempo em que interagem com os colegas e com o espaço de forma diferenciada, numa possível composição coreográfica. Na seção **De Olho na prática**, você encontrará questões ótimas que contribuirão tanto para a discussão em grupo sobre a prática promovida junto às crianças quanto para a criação de novas propostas de trabalho. Em **Para fazer mais**, são apresentadas ideias para se conhecer melhor a dança através de experiências com o balé clássico desenvolvidas com crianças maiores e também sobre a intersecção do trabalho entre dança e desenho. Fechando o fascículo, a seção **Palavra final**, traz, para sua reflexão uma imagem que sintetiza a ideia apresentada neste fascículo.

Boa Leitura!



Prefeito de São Paulo  
**Gilberto Kassab**

Secretário Municipal de Educação  
**Alexandre Alves Schneider**

Secretária Adjunta de Educação  
**Célia Regina Guidon Falótico**

Diretora de Orientação Técnica  
**Regina Célia Lico Suzuki**

# APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação tem trabalhado para consolidar uma educação infantil de qualidade nessa que é uma das maiores redes de ensino do país. Diariamente nossos profissionais – professores, coordenadores pedagógicos, gestores e equipes de apoio - atendem cerca de 430 mil crianças, distribuídas em nossas 13 DRE. Oferecem o melhor em termos de uma rotina estável, de experiências culturais relevantes, de convivência ética e saudável. Os resultados podem ser observados nas práticas, nos avanços que ano a ano as unidades educacionais vêm apontando.

Toda essa mudança não se faz sem o trabalho coletivo. Por esse motivo, desde 2005 todos os profissionais dessa Rede estão envolvidos em um programa de formação que visa melhorar a qualidade da educação por meio da atualização profissional e da discussão de propostas inovadoras. O programa de Orientações Curriculares e a publicação do documento com as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil em 2007 foi apenas o início de um processo de reflexões e mudanças nas unidades educacionais.

Agora, é chegada a hora de ver o que nossa própria Rede está produzindo a partir dessas Orientações Curriculares, nos diferentes espaços de formação profissional, nos grupos de professores, de coordenadores pedagógicos e de diretores. Em continuidade à produção de publicações voltadas para a Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, tenho o prazer de apresentar mais um fascículo da coleção Cadernos da Rede – Formação de Professores. Nesse material é possível encontrar subsídios para alimentar as discussões nas EMEI e nos CEI rumo à consolidação de novos paradigmas para a educação infantil. A tônica dessas publicações é a voz de nossa própria Rede. Nas próximas páginas veremos em destaque a experiência de nossos próprios profissionais que já constroem diariamente alternativas criativas para acolher as crianças e suas famílias e para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo nos impõe.

A exemplo dos demais materiais produzidos pela Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, esperamos, mais uma vez, o seu comprometimento para fazê-lo circular pela Rede, torná-lo vivo a fim de que possam inspirar novas práticas educativas.

Desse modo, trabalhando em rede, vamos mantendo o diálogo aberto avançando e muito rumo à excelência na Educação Infantil paulistana.

Alexandre Alves Schneider  
Secretário Municipal de Educação

# CARTA AO PROFESSOR

O intuito de publicar mais um fascículo dessa coleção é compartilhar as reflexões dos professores participantes dos cursos de formação oferecidos por SME/DOT Educação Infantil. Neste fascículo, formadoras e participantes da formação comentam alguns registros de atividades que abordaram alguns dos temas apresentados. Estas atividades foram planejadas em conjunto durante os encontros, conduzidas pelos participantes com os seus respectivos grupos de alunos, apresentadas e comentadas pelos formadores e integrantes do grupo.

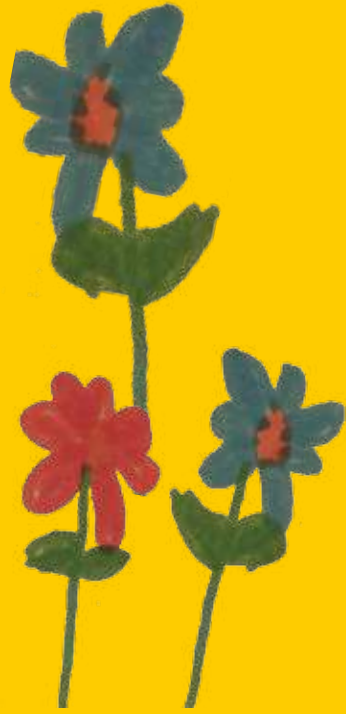
A publicação desses relatos de experiência só foi possível graças à participação da nossa rede, às professoras que participaram do curso, desenvolveram as propostas de trabalho pessoal e trouxeram suas experiências para compartilhar em grupo. Dedicamos essa edição a elas: Regiane B. da Graça professora da EMEI D. Alice Feitosa, Adriana M. F. Bevilaqua, professora da EMEI Jean Piaget, Andréia E. A. Costa, da EMEI Papa João Paulo II, Izabel Cristina Oliveira Santa Rita, professora do CEU CEI Yolanda de Souza Santalúcia, Maria das Graças Paixão Leandro, professora do CEI Mitiko Matsushita Nevoeiro; Rosemeire Souza Santos, professora do CEI Chácara Dona Olívia.

Esperamos que essas experiências sejam inspiradoras para vocês professores de nossa Rede e que possam contribuir para continuidade do exercício reflexivo e criativo de suas práticas educativas.





Foto: Profª Regiane Batista da Graça Silva / EMEI Dona Alice Feitosa / DRE Pirituba Jaraguá



**O assunto é ...** ..... **8**

**O corpo e o movimento criativo** ..... **8**

**Trabalho Pedagógico** ..... **10**

**Sentir, compreender e inventar movimentos na Educação Infantil ...** **10**

**Dirigir ou delegar a atividade corporal às crianças?** ..... **13**

**A descoberta do mundo pela experiência do corpo** ..... **16**

**Tudo começa na arrumação** ..... **19**

# SUMÁRIO

<b>De olho na prática</b> .....	<b>24</b>
Dicas para Reflexão .....	<b>24</b>
<b>Para fazer mais</b> .....	<b>26</b>
Ideias para conhecer a dança .....	<b>26</b>
<b>Para saber mais</b> .....	<b>30</b>
Referências Bibliográficas.....	<b>30</b>
<b>Palavra Final</b> .....	<b>32</b>

## O CORPO E O MOVIMENTO CRIATIVO

Andrea Fraga<sup>1</sup>

Partimos da ideia de que a criança na primeira infância estrutura seu conhecimento de mundo e de si mesma essencialmente pela sua experiência corporal, a qual vai adquirindo com o contato afetivo com a mãe e posteriormente sozinha, estando simultaneamente em conexão com as demais funções cognitivas. No início da vida, o ato motor é somente um reflexo do bebê que em seu desenvolvimento se torna ato intencional. As percepções do corpo proporcionam às crianças mais do que um conhecimento de si mesmo, conhecimento do mundo que a rodeia e com o qual deverá se comunicar. Daí a necessidade de desenvolver a linguagem corporal baseada no conhecimento do corpo e exploração do movimento para que as crianças descubram novos caminhos de expressão, de criação e de convivência, ampliando sua relação com o mundo e consigo mesmas. Por todas essas razões, o movimento deve ser trabalhado não só em seu aspecto funcional, mas também criativo.

Apesar de constar nas expectativas de aprendizagens para a Educação Infantil, que diz respeito a explorar o próprio corpo e o mundo, expressar/interagir pelo movimento, ainda é dada pouca importância para a questão expressiva e criativa do movimento na rotina de CEI e EMEI. A professora Regiane B. da Graça, da EMEI D. Alice Feitosa, por exemplo, avalia que “embora já tenhamos consciência da importância do movimento nas atividades dirigidas e da necessidade da criatividade nesses momentos, percebo que a dança, por exemplo, ainda está vinculada às apresentações em festas, não sendo uma proposta constante em nosso dia a dia.”

Geralmente, quando se fala na Educação Infantil da necessidade de movimento corporal das crianças, pensa-se muito mais num âmbito funcional, relacionado ao desenvolvimento motor e à aquisição de determinadas habilidades. Ou então, restringe-se à possibilidade de extravasar, gastar energia, já que as crianças passam tanto tempo em atividades que exigem contenção. Outro momento em que o movimento corporal tem lugar é nas competições ou jogos dirigidos, onde não necessariamente existe espaço para a expressão individual e a criatividade.

---

<sup>1</sup> Texto elaborado pela formadora a partir da experiência do curso Percursos de Aprendizagens: o corpo e o movimento criativo, realizado na DRE Pirituba/Jaraguá, 2010.



Mas, o que seria, então, o movimento criativo? Podemos diferenciá-lo por comparação aos movimentos funcionais que são aqueles que têm um propósito definido de realizar uma determinada ação como, por exemplo comer, se vestir, amarrar o sapato, etc. Mesmo assim, na ação das crianças, dificilmente se encontra um gesto que não esteja carregado de expressividade, até mesmo nos movimentos do cotidiano. O que acontece muitas vezes é que não estamos atentos ao que elas expressam e nem estamos preparados para “ler” o que comunicam nessa movimentação.

O movimento criativo não é meramente funcional, mecanizado ou estereotipado. Entendemos que são mecanizados os movimentos que se repetem com as canções infantis, e que depois de algum tempo perdem seu caráter lúdico, que é próprio da herança cultural, tornando-se automatizados. Por movimento estereotipado, entendemos aquele em que se imita artificialmente algumas das características de um tipo de movimentação. Por exemplo, a bailarina girando com os braços em arco sobre a cabeça ou, até mesmo, as danças sensuais dos programas de TV. Muitas vezes, esses são os únicos momentos nos quais se “trabalha” o movimento corporal com as crianças.

Diferente de tudo isso, o movimento criativo é aquele sem função definida, que não é avaliado como certo ou errado, que tem a marca da criança, de sua idade, seu jeito de ser: tímido, explosivo, delicado ou desengonçado, sua necessidade de expressão de alegria, euforia, raiva, tristeza. E, além disso, aquele que permita a descoberta do mundo, do outro e de si mesmo. Um exemplo pode ser o movimento próprio da dança: sabemos que as crianças podem compreender e sentir seu corpo e sua movimentação de uma forma criativa e ao mesmo tempo inventar e compor sua dança.

A dança é uma parte do trabalho a ser feito com a linguagem corporal. É um acontecimento especialmente significativo no universo da linguagem corporal, devendo respeitar a movimentação espontânea da criança, livre de uma formatação antecipada e da reprodução de estereótipos. É nessa perspectiva que se inscrevem os trabalhos a seguir.



## SENTIR, COMPREENDER E INVENTAR MOVIMENTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andrea Fraga<sup>2</sup>

Distinguir o que é um trabalho com movimento criativo de um trabalho meramente funcional nem sempre é muito fácil porque exige do educador conhecer a linguagem corporal e enxergar o que poderia ser a dança que já ocorre na movimentação das crianças, uma expressão que está muito além da sua participação em um evento ou apresentação de fim de ano, com uma coreografia ensaiada.

As experiências das professoras da rede ajudam a compreender o que pode ser uma movimentação mais criativa. A professora Adriana M. F. Bevilaqua, por exemplo, da EMEI Jean Piaget, propôs ao seu grupo de crianças de 3 a 4 anos um jogo: ela demarcou espaços no chão, identificando-os com figuras como triângulos, quadrados e outros. As crianças poderiam percorrer os espaços livremente mas, ao cair em um espaço delimitado, deveriam movimentar-se conforme a orientação: cada figura convidava à expressão de um certo movimento como pular, imitar um sapo, rodar ou posar de estátua. Ela observou o envolvimento das crianças e comentou: "Eles gostaram muito dessa atividade. Cada criança procurou fazer o seu movimento livremente. Foi uma atividade tão prazerosa que a repeti com outros desenhos e outros comandos como, por exemplo, dançar, movimentar-se em câmera lenta, andar em um pé, entre outros."

A experiência de Adriana ilustra como é possível orientar uma atividade com as crianças apresentando situações em que possam ampliar seu vocabulário de movimento, na medida em que, brincando com o corpo, criam a sua dança, ao mesmo tempo em que interagem com os colegas e com o espaço de forma diferenciada, numa possível composição coreográfica.

---

<sup>2</sup> Texto elaborado pela formadora a partir da experiência do curso: *Percursos de Aprendizagens: o corpo e o movimento criativo*, realizado na DRE Pirituba/Jaraguá, 2010.

## **ORIENTAÇÃO CURRICULAR**

As possibilidades expressivas do corpo são especialmente trabalhadas por meio da dança. Para que a dança constitua um meio de expressão para a criança, é importante que ela tenha a oportunidade de criar movimentos livremente. Entretanto, a liberdade precisa ser “alimentada” pelo professor, para que a criança não se restrinja ao repertório de movimentos que já conheça e os repita mecanicamente. É preciso que o professor planeje propostas que estimulem a criação de diferentes respostas motoras expressivas a estímulos diversos, que ele lance desafios que estimulem a criação e sejam suficientemente abertas para possibilitar respostas múltiplas e criativas.

(Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil, p. 71)

Já Andréia E. A. Costa, da EMEI Papa João Paulo II, numa atividade semelhante com seus alunos, um pouco mais velhos, propôs que criassem em conjunto novos movimentos para cada marca e observou: “as crianças repetiram várias vezes esse momento e se mostraram muito criativas e envolvidas com a atividade. As marcas ficaram por alguns dias no chão e por várias vezes percebi as crianças reproduzindo novamente esta atividade espontaneamente”. Isso mostra o quanto essa experiência foi significativa para as crianças e como se apropriaram do jogo recriando-o à sua maneira – como é típico das crianças quando lhes é dado espaço para a imaginação.

Os dois casos nos permitem enxergar uma possibilidade do trabalho com a dança. Esse movimento, em que a criança descobre o corpo e sua potencialidade cinética, explora o espaço e interage com o outro, pode ser visto do ponto de vista da linguagem artística como é o caso da dança. Isso é o que pensam as especialistas Patricia Stokoe e Ruth Harf (1987):



A expressão corporal está integrada ao conceito de dança. Entendemos por dança uma resposta corporal a determinadas motivações. Coçar-se também é uma resposta corporal, mas ninguém poderia dizer que coçar-se para eliminar uma incômoda sensação seja dança. Não obstante, aquele que se coça de forma organizada e rítmica, com um fim expressivo e comunicativo determinado, pode transformar o caráter meramente funcional de tal ato numa dança da 'coceira'.

Esse mesmo conceito é aplicável a qualquer ação cotidiana. [...] Para nós a dança não é apenas cópia ou imitação de criações alheias; damos também o nome de dança a essa criação pessoal, que não está distante das possibilidades de nenhuma pessoa já que, como demonstramos, está baseada naquilo que todos temos, nosso corpo e seus movimentos funcionais, mas com uma categoria a mais: a criatividade.

[...] a dança também encerra a possibilidade de dar corpo a imagens, fantasias, ideias, pensamentos e sentimentos e, portanto, não se esgota no que dissemos anteriormente. A dança é a expressão corporal da poesia latente em todo ser humano.

Mas, como sabemos, a possibilidade da dança no cotidiano das crianças não surge do nada, não brota da criança sem que lhe sejam dadas condições para que ele aconteça, isto é, o espaço, o tempo, materiais (quando necessário) e um olhar capaz de valorizar e enriquecer essa movimentação, propondo variações com músicas, histórias e brincadeiras.

Quando lhes são proporcionadas experiências desse tipo, a movimentação das crianças pode ser extremamente criativa em termos de vocabulário de dança. No entanto, se não se tem conhecimento do universo contemporâneo da dança, dificilmente se reconhecerá tal riqueza. É preciso apurar o olhar para o movimento das crianças e ao mesmo tempo buscar novas referências no campo artístico para que possamos enxergar a dança onde ainda não a vemos. Será que não podemos aprender com as crianças, valorizando uma relação mais viva e criativa com o próprio corpo? Talvez assim estejamos mais aptos a "ler" o que as crianças nos comunicam corporalmente.



## DIRIGIR OU DELEGAR A ATIVIDADE CORPORAL ÀS CRIANÇAS?

Sandra Sislá<sup>3</sup>

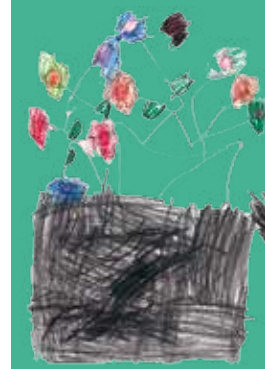
Para muitos professores, esse é um forte dilema na hora de planejar: é mais importante dirigir ou delegar a atividade corporal às crianças? Para apoiar essa reflexão, vamos pensar sobre o papel que a iniciativa infantil tem no desenvolvimento de sua expressão corporal.

Você sabia que as crianças são protagonistas do seu próprio desenvolvimento? De acordo com Falk, "A atividade autônoma, escolhida e realizada pela criança – atividade originada de seu próprio desejo - é uma necessidade fundamental do ser humano desde seu nascimento. A motricidade em liberdade, segundo Emmi Pikler, fundadora do método Lóczy, e um ambiente rico e adequado que corresponda ao nível desta atividade, são as duas condições sine qua non, da satisfação desta necessidade".

No entanto, sabemos que a tradição escolar ainda hoje insiste em controlar, cercear e reprimir a atividade própria da criança. Muitos professores planejam de modo tão rígido que, ao invés de investir e alimentar a autonomia das crianças, acabam por conduzir seus movimentos. Como seria, então, um planejamento diferente disso? De que modo podemos contar com as iniciativas e propostas das crianças no planejamento do trabalho, proporcionando ir além do que se poderia ter imaginado? Como as crianças podem trazer suas motivações e desejos para a atividade, alimentando invenções que sempre ultrapassam as expectativas dos educadores?

No relato a seguir, vemos uma experiência muito simples. Provavelmente, muitos professores já viveram situações desse tipo e podem refletir sobre como aproveitar disso para o avanço das crianças. Vemos como a professora descobre o quanto as crianças podem contribuir e enriquecer uma proposta planejada.

A Professora Izabel Cristina Oliveira Santa Rita<sup>4</sup>, CEU CEI Yolanda de Souza Santalucia, planejou uma atividade para suas crianças de BII ( 2 a 3 anos), para exploração de movimentos em diferentes planos do espaço no bosque da escola e se surpreendeu. Tudo iniciou com uma roda de conversa contando uma história improvisada sobre animais da



<sup>3</sup> Texto elaborado pela formadora a partir de experiência no curso: Percursos de Aprendizagens: o corpo e o movimento criativo, realizado na DRE Campo Limpo, 2010.

<sup>4</sup> Professora participante do curso: Percursos de Aprendizagens: o corpo e o movimento criativo, realizado na DRE Campo Limpo, 2010.

floresta, aproveitando para enriquecer as vivências corporais no espaço, fazendo referência aos diversos planos: embaixo, no alto, lá longe, aqui perto. Mas a atividade ganhou novos e inusitados contornos. As crianças decidiram tirar os sapatos, o que a professora permitiu, não sem certo temor, afinal, isso não é uma prática da escola. Entretanto a natureza é fonte de aprendizagens muito ricas no plano sensorial e são sempre apreciadas com entusiasmo pelas crianças. A experiência sensorial de tirar os sapatos e pisar nas folhas secas, nos galhos, na terra, trouxe para a professora novas dimensões para sua proposta.

A sequência narrativa: o tigre, a cobra, os passarinhos, o macaco, as casas ao longe, a paisagem do bosque, agora transformados em floresta na narrativa da professora, teve a contribuição das crianças que sugeriram outros animais do seu repertório: cachorro, gato, rato: “Andamos pelo bosque em torno das árvores, escalamos o morro, pegamos nas plantas, pisamos nas folhas secas, enfim foi a maior farra.”

As crianças com suas sugestões ampliaram a proposta planejada e a professora percebeu e as acolheu, contextualizando sua intencionalidade pedagógica, incorporando as ideias numa vivência plena de sentido e de diversão.

O calor da experiência foi tanto, e tamanho o envolvimento com a novidade tão simples que pode ser andar no bosque da escola, que as crianças nem pensavam em atender à solicitação para voltar à sala, jantar e seguir o curso da rotina escolar. Foi preciso apelar para a dimensão simbólica da brincadeira. Assim uma “chuva” irrompeu nos céus da floresta, levando todos na correria e animação ao abrigo do pátio.

Para a professora tirar os sapatos e deixar as crianças explorarem o bosque descalças foi um imenso desafio e novidade, ela que é sempre cuidadosa com a limpeza e segurança das crianças, afinal o que os pais, os outros professores, a coordenadora, a diretora iriam pensar? Sabemos que para os professores sair da posição de centralidade é um grande desafio, afinal estão sempre prontos a comandar, propor, iniciar, orientar, coordenar. Modelo este, incorporado pelas vivências escolares tradicionais, a que fomos sujeitos.

Acreditar que as crianças têm competência para identificar suas próprias necessidades e buscar satisfazê-las, permite serem protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

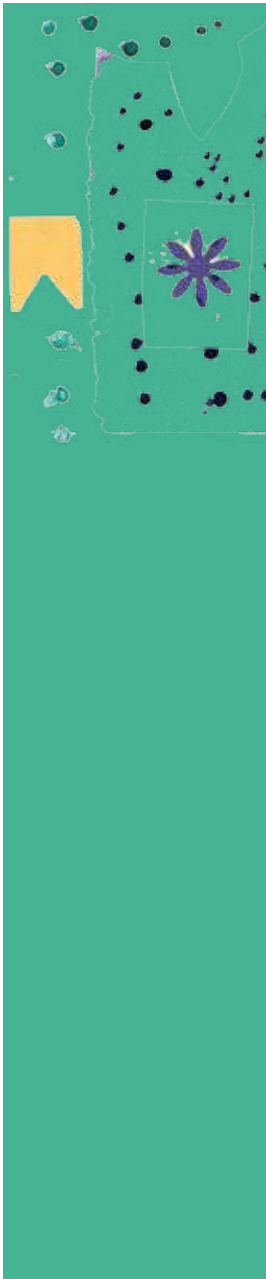


Ao professor da Educação Infantil cabe acolher as propostas e ideias das crianças e apoiá-las em suas iniciativas. As atividades na natureza são fundamentais para o desenvolvimento sensorial e corporal das crianças, a segurança e a higiene não podem impedir isso. Estes aspectos devem ser discutidos com os pais. As propostas e o planejamento devem se apoiar na observação do grupo e ampliar o universo do conhecimento infantil. Desse modo, ele pode estar numa posição muito mais educativa, de promover as relações do grupo, observar atentamente aquilo que elas trazem incorporando às suas propostas, ampliando as aprendizagens de forma significativa.



Foto: Profª Regiane Batista da Graça Silva / EMEL Dona Alice Feitosa / DRE Pirituba Jaraguá





## A DESCOBERTA DO MUNDO PELA EXPERIÊNCIA DO CORPO

*Sandra Sislá<sup>5</sup>*

Você já parou para pensar que a criança tem iniciativas próprias muito antes do que imaginamos? Vamos imaginar uma cena: um bebê sozinho deitado, observando o seu corpo e explorando o entorno. Será que ele está aprendendo alguma coisa? Muitas vezes pensamos no recém-nascido como alguém a quem iremos ensinar tudo, alguém em quem devemos exercitar suas capacidades. Desde cedo, porém, a criança já tem suas necessidades próprias e é capaz de agir e investigar por interesse próprio o mundo que a rodeia.

Isso significa que desde muito pequena possui capacidade de aprendizagem e uma motivação interna que a conduz para a exploração, “requisito absoluto para o desenvolvimento de suas habilidades”. Segundo Falk (2004), “o bebê é capaz de agir adequadamente e aprender de maneira independente sempre a partir daquilo que consegue fazer, adquirir experiências sobre ele mesmo e seu entorno.”

Sobre a iniciativa da criança, André Trindade (2007), educador corporal, nos convida a uma interessante reflexão: “Quem é você? Do que você gosta? O que você quer? O que você quer ser? Em vez de nos atirmos desesperadamente na tentativa de decifrar a criança, devemos deixar que ela possa aos poucos se mostrar.”

Exercitando o corpo e o entorno por meio de sua própria iniciativa, a criança aprende sobre seus desejos, sobre fazer escolhas, seus limites e possibilidades. A percepção dos sentidos é o principal meio pelo qual a criança aprende sobre si e sobre o outro, absorve e apropria-se do mundo pelo prazer da descoberta.

O professor, diante dessa perspectiva, pode oferecer situações de estímulo ricas em escolhas para a criança. Além disso, deve estar presente e atento para decifrar suas motivações, “escutar” a criança, observá-la, apoiá-la nas investigações e permitir a pesquisa garantindo tempo, espaço e materiais que favoreçam a exploração. Pode ser difícil para ele, em uma certa proposta didática, manter-se observando o que se passa no grupo. Muitas vezes pode pensar que se não mostrar a forma correta de usar o objeto ou ajudar a criança dando ideias de como

---

<sup>5</sup> A formadora elaborou o texto a partir da experiência da professora Maria das Graças Paixão Leandro do CEI Mitiko Matsushita Neveiro, participante do curso: Percursos de Aprendizagens: o corpo e o movimento criativo, realizado na DRE Capela do Socorro, 2010.



manuseá-lo, estará sem nenhum papel a desempenhar. Goldschmied e Jackson(2007:119) nos lembram que “Quando estamos em uma atividade prazerosa concentrados, não queremos que alguém fique dando sugestões e conselhos; só queremos continuar o trabalho embora possamos ficar contentes de ter uma companhia amigável ao nosso lado”.

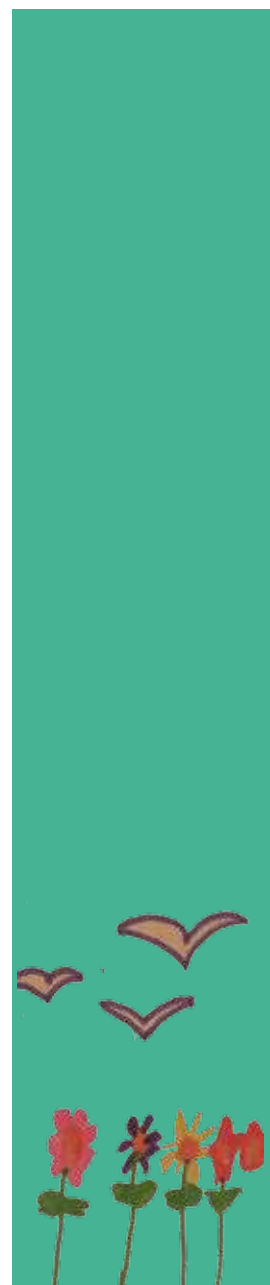
*"Quando os órgãos perceptivos estão mais desenvolvidos, como os olhos - por volta do terceiro mês, o fator espaço começa a aparecer. A criança focaliza a mãozinha, o rosto da mãe, alguns objetos. Aqui começa o domínio do espaço interno (as mãos são fundamentais neste momento) e do espaço externo (quando a criança começa alcançar os objetos e a se virar de bruços)..."*

*Lenira Peral Rangel e Maria Mommensohn (2008).*

Refletindo sobre isso no curso que foi oferecido à sua DRE, a professora Maria das Graças Paixão Leandro, do CEI Mitiko Matsushita Nevoeiro, Capela do Socorro, propôs a exploração do corpo e de materiais para crianças do grupo BII (2 a 3 anos) da sua sala. Sua experiência é bastante inspiradora para todos nós que nos interessamos pelas aprendizagens nessa fase da vida.

O tema da atividade, “A exploração do corpo e dos materiais”, foi elaborado para que as crianças pudessem ampliar suas vivências e aprendizados no mundo das sensações pela experiência e pesquisa de objetos diferenciados de texturas, formatos, pesos e cores diversos. Para isso, ela escolheu materiais simples e naturais presentes no cotidiano das crianças como tecidos de várias texturas, estampas e tamanhos (sedas, lenços, tules), papel celofane, tiras de papel crepom, pentes, casca de coco, pincéis de tamanhos variados, fitas de cetim, tocos de bambu, pedras, tampas de diversos tamanhos, distribuídos de forma cuidadosa em cantinhos ao redor da sala.

Os materiais naturais têm qualidades de experiências sensoriais especialmente vivas e ricas que propiciam uma variedade enorme de sensações por meio da boca, dos ouvidos, do nariz, da pele e dos músculos, para além dos olhos, diferente do plástico que é frio e liso, não exala cheiro nem multiplicidade de textura. Desde que supervisionados pelo adulto que avalia as condições de segurança, outras sugestões ainda podem ser



pensadas tais como esponjas, penas, seixos grandes, uma fruta como maçã ou laranja, escova de madeira, escova de cabelo, escova para unhas, pinceis de vários tamanhos, colher de pau, aro de cortina, coador de chá, bijuterias, molho de chaves, espremedor de alho, batedor de ovos, vários sinos, bolas de borracha, de tênis, de lã, saquinhos de pano contendo lavanda, alecrim, tomilho, tecidos de várias texturas, cordas, folhas. Estes materiais são fáceis de adquirir e não custam muito, o que os tornam acessíveis a todos.

A professora Maria das Graças também tinha intenção de saber como as crianças experimentaríamos esses materiais e o que elas iriam escolher, portanto fez inicialmente uma roda de conversa para contar a proposta. Em seguida, preparou o ambiente e convidou as crianças a entrarem na sala e investigarem livremente. Aos poucos as crianças exploraram os materiais e, com o incentivo da professora, o faz de conta foi surgindo na movimentação das crianças e cresceu tanto que a professora percebeu que o espaço da sala podia ser estendido para o corredor, dando continuidade ao ambiente criado. Não estava sob seu controle e nem fora previsto no planejamento inicial mas, observando o que as crianças estavam de fato aprendendo, a professora Maria das Graças ampliou de forma bem vinda o espaço para a continuação da atividade, saindo da sala para o corredor da escola.

A disposição dos materiais para a atividade pode acontecer de diversas formas, o professor pode criar novos formatos de uma atividade já conhecida variando os objetos e a forma como são dispostos. Mas a oferta de materiais e organização do espaço não bastam! É importante que o professor esteja presente e atento sem intervir, observando e conhecendo melhor a movimentação das crianças.

## TUDO COMEÇA NA ARRUMAÇÃO

*Liliana Oliven<sup>6</sup>*

Você sabia que participar da organização do espaço e dos materiais da brincadeira, junto com os professores pode ser estimulante para a criança? Crianças pequenas gostam de ajudar os adultos nas tarefas do cotidiano: lavar roupa, varrer o chão, secar os pratos etc. Do mesmo modo, também gostam de ajudar a construir os ambientes para suas brincadeiras de faz de conta. A simples participação na organização do espaço e dos materiais já é uma grande brincadeira e uma importante orientação pedagógica recomendada por essa rede:

...é altamente recomendável que ambientes institucionais ofereçam oportunidade para as crianças desenvolverem sua individualidade, permitindo-lhes ter seus próprios objetos, personalizar seu espaço e, sempre que possível, participar nas decisões sobre a organização dos mesmos.

(Tempos e espaços para a infância e suas linguagens nos CEI, Creches e EMEI da cidade de São Paulo / Secretaria Municipal de Educação São Paulo: SME / DOT, 2006. p. 36)

O relato da professora Rosemeire Souza Santos, do CEI Chácara Dona Olívia, ilustra bem isso:

“Para o momento da saída das crianças, criei um cantinho na sala usando os colchonetes. As crianças me ajudaram e fizemos um grande sofá. Todo esse movimento na construção do sofá já virava uma brincadeira. Eles adoraram, sentaram, logo em seguida, com as mochilas nas mãos. O Richard não quis sentar porque foi ligar a televisão imaginária da lousa. Fernanda saiu correndo do sofá para também mexer na TV, mas Richard esbravejou e não a deixou trocar os canais, ela retornou chorando. Eu a acalmei e continuamos a ver TV.

Ana Júlia não parava de falar:

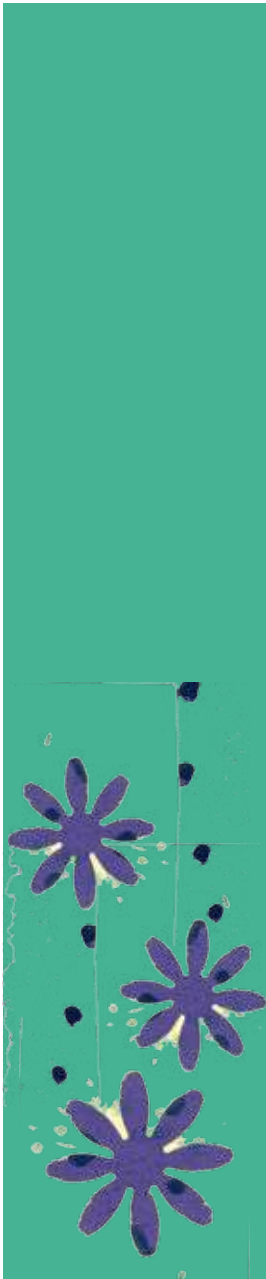
- Coloca no Có-có-ri-có.

Richard repetia, segurando no botão:

- Có-có-ri-có?



<sup>6</sup> A formadora elaborou o texto a partir da experiência de Rosemeire Souza Santos - ATE do CEI Chácara Dona Olívia, participante do curso: Percursos de Aprendizagens - corpo e movimento criativo, na DRE São Miguel Paulista, 2010.



Eu fiz uma sonoplastia do barulhinho trocando os canais: tic, tic, tic....

Yuri pedia para trocar a programação:

- Põe no Pica-Pau!

Richard dizia:

- Não! É Patati-Patatá!

A brincadeira durou até cada um ir embora. Alguns queriam continuar brincando, pois foi um tempo curto, mas muito divertido.”

A experiência relatada por Rosimeire nos lembra que não precisamos sempre “lamentar” a falta de materiais que, muitas vezes, é efetivamente, um problema real, mas disponibilizar tempo e espaço para as crianças é importante para que elas reorganizem o que existe e criem novos significados. Não estamos dizendo que o espaço e os materiais não devam ser planejados pelo professores, mas que o professor pode convidar a criança a interferir no espaço e na disposição e escolha dos materiais.

Rosimeire fez isso e ainda embarcou na proposta das crianças e ajudou a organizar o ambiente. É o que ela conta no relato a seguir: “Quando cheguei para trabalhar, pela manhã, entrei na sala e me surpreendi com uma brincadeira. Renan, Leonardo, Nicolý e Geovana brincavam com uma caixa grande de plástico, daquelas utilizadas em supermercado, fazendo-a de carrinho. O Renan era o motorista e as outras crianças gritavam sem parar, empurrando-o.

\_ Empurra! Empurra. Vai!

\_ Sai da frente, sai...

Riam sem parar e enquanto o Renan saía da caixa, outros tentavam entrar, empurrando e já colocando uma perninha lá dentro. Diziam:

\_ Agora eu! Agora eu!

\_ Ai, meu pé!

Vendo isso logo peguei carona nessa brincadeira, tentando organizar para que todos pudessem participar. Fiz um caminho de rua com blocos monta-monta. As outras crianças, que não estavam na brincadeira, saíram do meio da rua. Foi então que a brincadeira ficou mais interessante, pois eles seguiam o trajeto da rua e ninguém atravessava.

\_ Sai da frente! Geovana dizia.

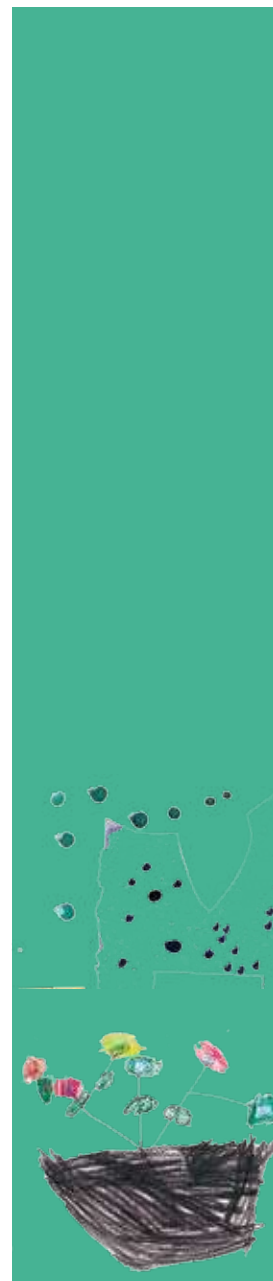
\_ Para o carro, para!

\_ Eu quero descer.

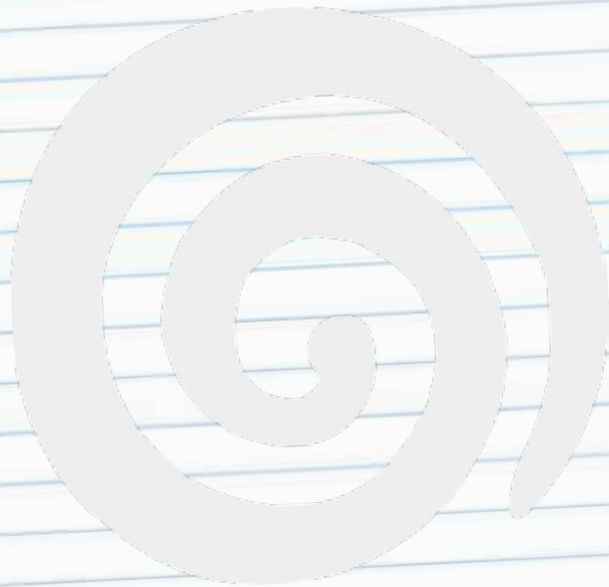
\_ Agora eu! Disse Leonardo

Essa brincadeira acabou assim que Geovana entrou novamente na caixa, deitou-se e fez de conta que era um bebê recém-nascido e as crianças pararam para cuidar do bebê. E começou uma nova brincadeira.”

A experiência de Rosimeire nos mostra que o importante é que o professor esteja com olhos, ouvidos e todos os sentidos voltados para as crianças, assim como as crianças se relacionam, com o mundo, com todos os seus sentidos e todo seu corpo. Essa relação de troca contínua dá sentido e ressignifica a prática cotidiana de cada educador.



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



## DICAS PARA REFLEXÃO

*Silvana Augusto<sup>7</sup>*

Os relatos desse fascículo são mais do que exemplos de trabalho, mas, principalmente, são fonte de reflexão para a criação de novas propostas para as crianças. Para começo de conversa, vale a pena avaliar a própria prática. Com a intenção de apoiar essa discussão em seu grupo de trabalho, destacamos algumas questões para a sua reflexão.

1. Você tem proposto situações promotoras do movimento criativo, além do movimento funcional? Quais?
2. Além das brincadeiras tradicionais, que outras atividades corporais as crianças vivenciam?
3. No caso dos berçários, como você tem se organizado para notar as expressões das crianças que ainda não falam? Que atividades corporais elas vivenciam no dia a dia?
4. Você tem organizado sua rotina de modo a observar mais de perto a expressão corporal das crianças? Tem algum tipo de pauta de observação ou registro que ajude a notar o que as crianças estão pouco a pouco aprendendo: diferentes modos de se equilibrar, virar, rolar, girar, dar cambalhota, saltar, etc.?
5. As crianças participam da organização e da arrumação da sala antes e depois das atividades do dia?
6. Além dos materiais de uso cotidiano, você também tem selecionado materiais que estimulem a exploração cênica e o movimento criativo? Quais?
7. Como você tem pesquisado os diferentes tipos de materiais e modos de organizar a sala visando o trabalho corporal?
8. Existe espaço para iniciativa e escolha da criança dentro da sua prática educativa? Como você promove isso? O que sabe sobre as iniciativas, escolhas e a expressão corporal das crianças de sua turma?
9. As crianças têm a oportunidade de conhecer e apreciar a apresentação de diversos tipos de dança, ainda que em DVD, evitando a repetição do mesmo estilo já conhecido por todos?

---

<sup>7</sup> Assessora da DOT Educação Infantil, responsável pela formação de professores.



10. O que faz parte do repertório de música e de dança de sua turma? O que você selecionou para ampliá-lo?

11. Na sua escola, a dança é parte do trabalho curricular ou se restringe apenas à festa junina ou apresentação de Natal?

12. Você tem assistido espetáculos de dança ao vivo ou no Youtube? Tem se dedicado a conhecer o que os profissionais da dança realizam? Tem alguma referência de estilo?

Fique de olho em sua prática, aproveite as sugestões desse fascículo, planeje e desenvolva um bom trabalho com as crianças!

Foto: Profª Regiane Batista da Graça Silva / EMEI Dona Alice Feitosa / DRE Pirituba Jaraguá



## IDEIAS PARA CONHECER A DANÇA

A dança é uma das possibilidades do trabalho na educação infantil. Infelizmente, na prática de muitas escolas ela só é tratada nas datas comemorativas ou nas ocasiões em que há uma apresentação formal a um público. Normalmente, as crianças memorizam gestos e coreografias previamente ensaiadas, insuficientes para comportar toda a possibilidade expressiva que uma criança deveria desenvolver em sua passagem pela educação infantil.

Neste fascículo, contudo, aprendemos que a movimentação própria das crianças já traz em si elementos da dança, sobretudo se pensarmos nos padrões da dança contemporânea. Pesquisar o assunto e ver espetáculos de dança são atividades que o professor pode investir para aprender a enxergar o movimento criativo das crianças.

Além das experiências relatadas neste fascículo, selecionamos outras duas sugestões para quem quiser fazer mais pelo trabalho de corpo e movimento na educação infantil. A primeira experiência foi desenvolvida pela doutora em dança Simone Alcântara com um grupo de crianças maiores, mas é notável como essa experiência também pode ser bem vinda aos menores. Confira a seguir.

### 1. BALÉ CLÁSSICO PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO DO GRUPO

*Simone Alcântara<sup>8</sup>*

Para contrapor e ampliar os conhecimentos que as crianças tinham, apresentei um balé clássico, muito diferente do que estavam acostumados. Escolhi a suíte O Quebra-Nozes de Tchaikovsky. Levamos alguns objetos para contextualizar o balé como sapatilhas de ponta, pedaços de tules, coroas que enfeitam os coques das bailarinas e até mesmo um quebra nozes em forma de boneco. Depois assistimos ao vídeo do balé: as crianças trocaram ideias e levantaram uma série de hipóteses sobre os tipos de movimentos característicos da dança clássica e os países de alguns personagens. Era possível observar características como roupas e

---

<sup>8</sup> Doutora em dança. Trecho extraído do artigo São Paulo, dança! Equilíbrio, coordenação e expressividade num trabalho coletivo. Revista Avisa lá 9ª edição.

gestos típicos como os representados por chineses, árabes, cossacos e espanhóis que aparecem no País dos Doces, na segunda parte do balé. Essas questões confirmaram algumas hipóteses levantadas sobre a cultura de alguns países, como o jeito de se vestir (exótico como o dos árabes), de falar, de cantar e de ser fisicamente (como os chineses), de se movimentar enlouquecidamente (como os cossacos), de festejar alegremente (como os espanhóis) e de “andar muito sério” (como os ingleses).

– Nossa! Eles voam tanto que merecem palmas! – comentou Talita.

– Essa dança é leve e não rebola tanto! – observou Ana Paula.

– Essa dança é que nem um Conto de Fadas. Tem anjos, tem princesas e príncipes e viram gente – disse Paulo Henrique.

– As roupas são tudo de rei e rainha. – completou Cintia.

– Mas, eles não falam! É mímica! – disse Ana Paula, levantando uma questão.

– Por que eles não falam? – quis saber William.

– Ah, sei lá! Eles já tão dançando! – arriscou Talita.

– Não, é que essa música não canta! – retomou Paulo Henrique.

– Eles dançam sempre na ponta, rodando – disse novamente Talita.

– E o Quebra-Nozes! Virou gente, mesmo! Ele gira, ele luta ... ele namora com a Maria Clara! – disse Anderson, encantado.

A partir do que conheciam sobre alguns elementos dos contos de fadas e sobre danças como axé, samba, pagode e outras que acompanham através da TV, revistas e eventos de bairro, as crianças puderam perceber grandes diferenças entre a dança clássica da época romântica e a dança exageradamente erótica e ousada que tanto toca no rádio nos nossos dias. O mesmo aconteceu com a música que está intrinsecamente ligada ao ritmo da dança, sobre a qual pudemos levantar outras questões, já que o balé desse vídeo foi gravado com a Orquestra Sinfônica da Royal Opera House ao vivo, dando-nos a chance de vermos a figura do maestro em ação e alguns instrumentos acústicos.



## Uma proposta para experimentar novos movimentos

Num outro dia, voltei ao assunto da dança propondo uma pequena dramatização: pedi que as crianças inventassem formas de se locomoverem como se estivessem andando no “chão de vidro” do palácio do Imperador Chinês e no jardim repleto de flores e árvores, tão bem descritos, no início da história O Rouxinol que eu havia lido.

Depois, distribuí entre as crianças pedaços grandes de tule de cores diversas e orientei-as para a pesquisa e observação dos movimentos e efeitos do tule como ritmo, peso, cheiro, tamanho, deslocamento, velocidade, etc.

Ao som da composição de Rimsky Korsakov, The Young Prince and the Young Princess do balé Scheherazade (o jovem príncipe e a jovem princesa), as crianças continuaram a pesquisa, agora experimentando movimentos corporais inspirados nos efeitos do tule. Tanto as meninas quanto os meninos pareciam estar seduzidos pelo seu pedaço de pano tão leve em uma das Mil e Uma Noites. Os olhares pareciam brilhar mais ao ver aqueles “panos de príncipes e princesas”, como disse Caio (7 anos). Puderam tocá-los, amassá-los, arrumá-los e transformá-los em nuvens, capas de heróis, saíões, lenços de tartarugas ninjas para a testa, pulseiras e golas chiques. Apesar da excitação e das constantes provocações entre eles, avalio que foi uma pesquisa proveitosa, pois a autonomia com que conversaram sobre a dança clássica no último encontro revelou o quanto essas crianças estão em busca de novas ideias e sonhos.

## Alguns benefícios de um trabalho com a dança

Refletindo sobre as crianças mais agitadas, percebi que elas tinham mais ritmo e uma soltura corporal bem maior do que as outras crianças que procuram respeitar as regras com as quais convivem. A maior diferença entre essas crianças é mesmo a dificuldade em aceitar limites. No momento em que era pedido às primeiras, por exemplo, que parassem ou escolhessem um lugar pela sala, não conseguiam fazê-lo e davam a impressão de que não sentiam apoio algum sobre os seus pés ou uma base para a sua localização. Pergunto a mim mesma, como elas podiam escolher, sozinhas, uma direção no espaço se não tinham referências claras, apoio para criar autonomia e independência numa troca de respeito mútuo?

Já as que conviviam bem com as regras aparentavam ter mais facilidade, ou melhor, tinham alguma vivência com a prática da compreensão e o respeito às diferentes regras de um grupo: colocavam-se e circulavam melhor num espaço qualquer, aos poucos encontrando o seu apoio.

Desta forma, reafirmo a hipótese de que o trabalho corporal para as crianças é fundamental também pelos aspectos afetivo e social. Mas, de qualquer forma, posso afirmar que a dança e a música promoveram para este grupo um momento envolvente de relaxamento: todas participaram com muita vontade e os incentivei a reconhecer como têm ritmo e capacidade de criarem coisas novas.

## 2. UMA CONVERSA ENTRE LINGUAGENS DO MOVIMENTO

*Silvana Augusto<sup>6</sup>*

Uma possibilidade para ampliar os conhecimentos sobre o movimento pode ser vivida na intersecção de um trabalho com o desenho. O movimento e, em especial, a dança já foi tema para muitos artistas: Matisse, Renoir, Toulouse-Lautrec entre outros se dedicaram a conhecer de perto a expressão do movimento. Observar e apreciar esses trabalhos pode ser uma fonte interessante de pesquisa para as crianças. A partir dessas representações o professor pode pedir ao grupo que procure inferir das imagens a movimentação de cada um. Pode investigar e experimentar com o grupo: como será que se dança como nesse quadro? Na ponta dos pés ou na planta? Como se movem os braços? O que parece mais leve, os braços, as mãos ou as pernas das bailarinas? Se esse quadro tivesse uma música, qual seria? E se tivéssemos que dançar com essas pessoas que estão aqui retratadas, como dançaríamos?

Junto à pesquisa do olhar, as crianças podem explorar todos esses movimentos com o próprio corpo, brincando de trazer para a sala aquela atividade de dança, com toda a sua atmosfera tão especial. Em um outro dia podem ainda explorar os movimentos do próprio desenho, ao representar o movimento específico de um ou outro quadro, tal como é visto; registrar o movimento das coreografias dos colegas de turma; criar marcações para brincar de pauta do movimento, etc.

Essas são apenas algumas ideias. Escolha a que mais te interessar, junte-se às crianças e caia na dança!



<sup>6</sup> Assessora da DOT Educação Infantil, que coordena a formação de professores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae (org). **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CAMPOS DE CARVALHO, Mara I.e RUBIANO. "Organização do espaço em instituições Pré-escolares. In **Educação Infantil: muitos olhares**. Org: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. São Paulo: Cortez, 2008, p.109

FALK, Judit. **Educar: os 3 primeiros anos- A experiência de Lóczy**. 2004.

GOLDSCHMIED, Elionor e JACKSON, Sonia. "**Educação de 0 a 3, Atendimento em creche**", ARTMED,2007 ,p. 119

GOMES, Paola B.M.B. materiais artísticos na Educação Infantil, in: KAERCHER, G. e CRAIDY, C. (orgs). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p.109-121.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KEPHART, Newell C. **O aluno de aprendizagem lenta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícoone, 1990.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança Brincando! Quem a educa?** JOÃO DE BARRO, 2007.

LENGOS, Georgia, Org. **Põe o dedo aqui: reflexões sobre dança contemporânea para crianças**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste; Junior, Moacir Ávila de Matos; Filho, Nei Alberto Salles; Finck, Silvia Christina Madrid. **A Pedagogia do Movimento, o Universo lúdico e psicomotricidade**. Editora Ibpe, 2ª Ed, Curitiba, 2007, 127p.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MOMMENSOHN, Maria e PETRELLA, Paulo (orgs). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

**Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil** / Secretaria Municipal de Educação - São Paulo: SME / DOT, 2007.

PILLAR, Analice. **A educação do olhar no ensino da arte.** In Barbosa, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002, p. 71-82.

PRESTON-DUNLOP, Valerie. **Dance is a language, isn't it?** London: Laban Centre, 1989.

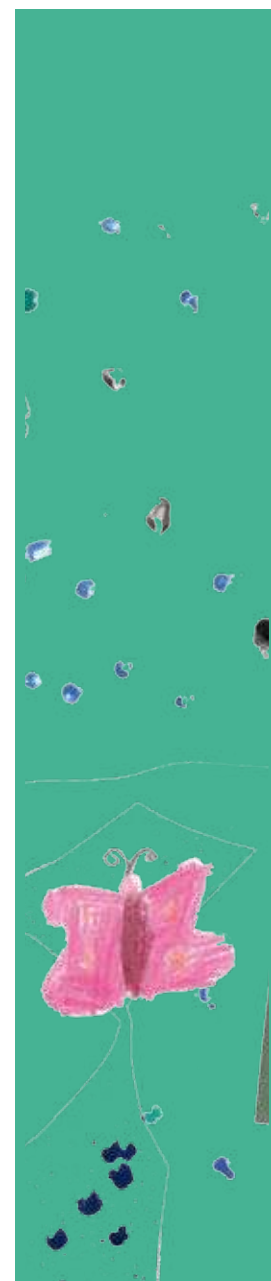
RENGEL, Lenira. **Os temas de movimento de Rudolf Laban: modos de aplicação e referência.** São Paulo: Annablume, 2008.

STOKOE, Patricia e HARF, Ruth. **Expressão Corporal na Pré Escola.** São Paulo: Summus, 1987.

TRINDADE, André. **Gestos de cuidado, gestos de amor orientações sobre o desenvolvimento do bebê.** SUMMUS, 2007.

XAVIER, Uxa. **Que dança é essa? Põe o dedo aqui.** Disponível em [http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=757:que-danca-e-essa-&catid=36:danca&Itemid=57](http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=757:que-danca-e-essa-&catid=36:danca&Itemid=57) > Acesso em 02 set. 2011

<http://www.acerbarca.com.br>



# PALAVRA FINAL



Foto: Profª Regiane Batista da Graça Silva / EMEI Dona Alice Feltosa / DRE Pirituba Jaraguá



Foto: Profª Regiane Batista da Graça Silva / EMEI Dona Alice Feltosa / DRE Pirituba Jaraguá



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



## DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA--

### DIRETORA

**Regina Célia Lico Suzuki**

DIRETORA DOT EDUCAÇÃO INFANTIL

**Yara Maria Mattioli**

EQUIPE TÉCNICO PEDAGÓGICA

**Fernanda Silva Noronha**

**Gislaine dos Santos Koenig**

**Maria Heloisa Sayago França**

**Marilda Aparecida Bellintani Jamelli**

**Matilde Conceição Lescano Scandola**

**Patrícia Maria Takada**

**Raquel de Campos Felizolla**

EQUIPE TÉCNICO ADMINISTRATIVA

**Edna Ribeiro da Silva**

**Sylvete Medeiros Correa**

**Vitor Hélio Breviglieri**

**Gilcenalba Virgínio dos Santos** (*Estagiária*)

DIRETORES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

**Eliane Seraphin Abrantes**

**Elizabeth Oliveira Dias**

**Hatsue Ito**

**Isaias Pereira de Souza**

**José Waldir Gregio**

**Leila Barbosa Oliva**

**Leila Portella Ferreira**

**Maria Angela Gianetti**

**Maria Antonieta Carneiro**

**Marcello Rinaldi**

**Silvana Ribeiro de Faria**

**Sueli Chaves Seguchi**

**Waldecir Navarrete Pelissoni**

ASSESSORES

**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**

**Ieda Abbud**

**Maria Paula Vignola Zurawski**

**Silvana de Oliveira Augusto**

### FORMADORES DE PROFESSORES

**Alessandra Ancona de Faria**

**Andrea Fraga da Silva**

**Carlos Alberto Silva**

**Cinthia Soares Manzano**

**Fernando Brandão Correia Filho**

**Francisco Igliori Gonsales**

**Isabel Maria Meireles de Azevedo Marques**

**Joseane Aparecida Bonfim de Barros**

**Liliana Maria Bertolini**

**Liliana Elisabete Oliven**

**Marcos Marcelo Soler**

**Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira**

**Sandra Maria Chalmers Sista**

**Sheila Christina Ortega**

**Stela Maris Fazio Battaglia**

**Sueli Vital e Silva**

**Virginia Arêas Peixoto**

COORDENAÇÃO GERAL

**Yara Maria Mattioli**

**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**

ORGANIZADORA DA PUBLICAÇÃO

**Silvana de Oliveira Augusto**

PRODUÇÃO GRÁFICA

Coordenação do Centro de Multimeios :

**Magaly Ivanov**

Projeto Gráfico e capa:

**Joseane Ferreira**

Editoração:

**Jennifer Abadia Oliveira Barbosa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Percurso de aprendizagens : O corpo e o movimento criativo - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação - São Paulo : SME / DOT, 2011.

36p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil I. Cadernos da Rede - Formação de Professores

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: SME31/2011



**PREFEITURA DE**  
**SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO